Textos extraídos de:
Francisco Vaz da Silva. Capuchinho Vermelho Ontem e Hoje (Lisboa: Temas e Debates / Círculo de Leitores, 2011).

O Conto da Avó (variante do Nivernais)

Texto

Havia uma mulher que tinha feito pão. E disse à filha: «Vais levar um merendeiro[1] quentinho e uma garrafa de leite à tua avó».

A pequena partiu. Na encruzilhada encontrou um lobisomem,[2] que lhe disse: «Aonde vais?»

«Levo um merendeiro quentinho e uma garrafa de leite à minha avó».

«Que caminho escolhes?» disse o lobisomem, «o das Agulhas ou o dos Alfinetes?»

«O das Agulhas», disse a menina.

«Pois bem, eu escolho o dos Alfinetes».

Enquanto a menina se divertia a apanhar agulhas, o lobisomem chegou a casa da avó, matou-a, pôs a sua carne na arca e uma garrafa de sangue sobre a bacia. A pequena chegou, bateu à porta.

«Empurra a porta», disse o lobisomem, «que está trancada com uma palha molhada».

«Bom dia, avozinha, trago-lhe um merendeiro quentinho e uma garrafa de leite».

«Mete-os na arca, minha filha. Serve-te da carne que está lá dentro e duma garrafa de vinho que está na bacia».

À medida que ela comia, uma gatinha que ali estava dizia: «Ai, a porcalhona!... a comer a carne e a beber o sangue da sua avó».

«Despe-te, minha filha», disse o lobisomem, «e vem-te deitar perto de mim».

«Onde ponho o meu avental?»

«Deita-o para a lareira, minha rica, que não vais precisar mais dele.» E para todas as peças de vestuário, o corpete, o vestido, a saia, as calcinhas, ela perguntava-lhe onde devia pô-las. E o lobo respondia: «Deita-os ao fogo, minha filha, que não vais mais precisar deles».

Quando a menina se tinha deitado, disse: «Ó! avozinha, como é peluda!»

«É para me aquecer melhor, minha filha!»

«Ó! avozinha, que grandes unhas tem!»

---

[1] *Époigne,* do baixo latim *pugneia* («punho»), designa um pequeno pão presumivelmente redondo que se fazia com os restos da massa lêveda.

[2] *Bzou* no original.

«É para me coçar melhor, minha filha!»

«Ó! avozinha, que grandes ombros tem!»

«É para carregar melhor o meu fardo de lenha, minha filha!»

«Ó! avozinha, que grandes orelhas tem!»

«É para ouvir melhor, minha filha!»

«Ó! avozinha, que grandes buracos do nariz tem!»

«É para inalar melhor o meu tabaco, minha filha!»

«Ó! avozinha, que grande boca tem!»

«É para te comer melhor, minha filha!»

«Ó! avozinha, tenho fome de ir lá fora!»

«Faz na cama, minha filha!»

«Ó! não, avozinha, eu quero ir lá fora.»

«Bom, mas então depressa.»

O lobisomem atou-lhe um fio de lã ao pé e deixou-a ir.

Quando a pequena chegou lá fora, atou a ponta do fio a uma ameixeira que havia no pátio. O lobisomem impacientava-se e dizia: «Estás a fazer cordas? Estás a fazer cordas?»

Quando ele percebeu que ninguém lhe respondia, atirou-se abaixo da cama e viu que a pequena tinha escapado. Perseguiu-a, mas chegou a casa dela no momento exacto em que ela entrava.

Recolhido por Achile Millien na região do Nivernais, França, cerca de 1885.[3]

[3] Paul Delarue, «Les contes merveilleux de Perrault et la tradition populaire: Le Petit Chaperon rouge.» *Bulletin folklorique d'Ile-de-France* 13 (1951): 221–222.

O Capuchinho Vermelho (por Charles Perrault)

Texto

Era uma vez uma jovem aldeã, a mais bonita que fosse dado ver; a sua mãe era louca por ela e a avó mais ainda. Esta boa mulher mandou fazer-lhe um capucho vermelho, que lhe ficava tão bem que em todo o lado lhe chamavam Capuchinho Vermelho.

Um dia a mãe, tendo cozido pão e feito bôlas[1], disse-lhe: «Vai ver como está a tua avó, porque me disseram que está doente; leva-lhe uma bôla e este potinho de manteiga».

Capuchinho Vermelho partiu imediatamente para a casa da avó, que morava numa outra aldeia. Ao passar num bosque encontrou o compadre Lobo, que tinha muita vontade de comê-la, mas não se atrevia a tal por causa de alguns lenhadores que estavam na floresta. Perguntou-lhe aonde ela ia; a pobre criança, que não sabia que é perigoso deter-se para escutar um Lobo, disse-lhe:

«Vou ver a minha avó e levar-lhe uma bôla com um potinho de manteiga que a minha mãe lhe manda».

«Ela mora muito longe?» perguntou o lobo.

«Ó! Sim», disse Capuchinho Vermelho, «é para lá do moinho que vê lá mesmo ao fundo, ao fundo, na primeira casa da aldeia».

«Pois bem», disse o Lobo, «eu também quero ir vê-la; vou por este caminho e tu vai por aquele, a ver quem chega lá primeiro».

O Lobo desatou a correr com toda a força pelo caminho mais curto e a jovem foi pelo caminho mais longo, entretendo-se a colher avelãs, a correr atrás das borboletas e a fazer ramos com as florezinhas que encontrava.

O Lobo não demorou muito a chegar a casa da avó; bate à porta: Toc, toc.

«Quem está aí?»

«É a sua pequena, Capuchinho Vermelho», disse o Lobo disfarçando a voz, «que lhe traz uma bôla e um potinho de manteiga que a minha mãe lhe manda».

A boa avó, que estava de cama por se achar adoentada, gritou-lhe: «Puxa a cavilha, que o trinco cairá».

---

[1] *Galettes,* isto é, bolos circulares e chatos à base de farinha de cereais ou de leguminosas.

O Lobo puxou a cavilha e a porta abriu-se. Ele atirou-se à velhinha e comeu-a em menos de nada; porque há três dias que não comia. Depois fechou a porta e foi-se deitar na cama da avó, à espera de Capuchinho Vermelho, que algum tempo depois veio bater à porta. Toc, toc.

«Quem está aí?»

Capuchinho Vermelho, que ouviu a voz grossa do Lobo, primeiro teve medo, mas pensando que a avó estivesse constipada, respondeu: «É a sua pequena, Capuchinho Vermelho, que lhe traz uma bôla e um potinho de manteiga que a minha mãe lhe manda».

O Lobo gritou-lhe, adoçando um pouco a voz: «Puxa a cavilha, que o trinco cairá».

Capuchinho Vermelho puxou a cavilha e a porta abriu-se.

O Lobo, vendo-a entrar, disse-lhe enquanto se escondia sob a colcha: «Põe a bôla e o potinho de manteiga em cima da masseira e vem deitar-te comigo».

Capuchinho Vermelho despe-se e vai meter-se na cama, onde ficou muito espantada de ver as formas da avó em camisa de noite[2]; e disse-lhe:

«Avó, que grandes braços tem!»

«É para melhor te abraçar, minha filha.»

«Avó, que grandes pernas tem!»

«É para correr melhor, minha pequena.»

«Avó, que grandes orelhas tem!»

«É para escutar melhor, minha pequena.»

«Avó, que grandes olhos tem!»

«É para ver melhor, minha pequena.»

«Avó, que grandes dentes tem!»

«É para te comer.»

E, ao dizer estas palavras, o Lobo malvado atirou-se sobre Capuchinho Vermelho e comeu-a.

MORALIDADE

Vê-se aqui que crianças jovens, sobretudo moças belas, bem feitas e gentis, fazem muito mal em escutar todo o tipo de gente; e que não é coisa estranha que o lobo

---

[2] A expressão francesa *en son déshabillé* introduz o duplo sentido da camisa de noite que se esperaria ver numa avó e do corpo «despido» (sentido literal de *déshabillé*) revelador do lobo selvagem.

tantas delas coma. Digo o lobo, porque nem todos os lobos são do mesmo tipo. Há-os de um humor gracioso, subtis, sem fel e sem cólera, que — familiares, complacentes e doces — seguem as jovens até às suas casas, até mesmo aos seus quartos; mas ai! Quem não sabe que estes lobos delicodoces são de todos os lobos os mais perigosos.[3]

[3] Incluído em 1695 num manuscrito intitulado *Contes de ma mère Loye* e depois publicado, em 1697, em *Contes et histoires du temps passé, Avec des moralités* sob o nome autoral de Pierre Darmancour, filho de Charles Perrault, membro da Academia Francesa.

Capuchinho Vermelho (pelos Irmãos Grimm)

Texto

Era uma vez uma doce pequena que tinha o amor de todos os que a viam; mas era a avó quem mais a amava, a ponto de não saber o que mais dar à criança. Uma vez deu-lhe um capucho de veludo vermelho e, como este lhe ficava tão bem que ela nunca mais quis usar outra coisa, chamaram-lhe simplesmente Capuchinho Vermelho.

Um dia disse-lhe a mãe: «Vem cá, Capuchinho Vermelho, aqui tens um pedaço de bolo e uma garrafa de vinho para levares à tua avó. Ela está doente e fraca e isto há-de fortalecê-la. Põe-te ao caminho antes que se ponha quente e, quando estiveres no bosque, vai directa e não te desvies do carreiro, senão ainda cais e partes o vidro e a tua avó não recebe nada. E quando entrares no quarto dela, não te esqueças de dizer bom dia e não te vás pôr a espreitar em todos os cantos.»

«Vou fazer tudo bem», prometeu Capuchinho Vermelho dando a sua mão.

A avó vivia isolada no bosque, a meia légua da aldeia. Quando Capuchinho Vermelho chegou ao bosque, um lobo veio ao seu encontro. Capuchinho Vermelho não sabia que se tratava dum animal malvado e não teve medo nenhum.

«Bom dia, Capuchinho Vermelho», disse ele.

«Muito obrigado, lobo».

«Aonde vais tão cedo, Capuchinho Vermelho?»

«À minha avó».

«O que levas debaixo do avental?»

«Bolo e vinho: ontem cozemos, portanto a pobre avó doente vai poder receber algo bom que a fortaleça».

«Capuchinho Vermelho, onde vive a tua avó?»

«Ainda a um bom quarto de légua dentro do bosque, debaixo dos três carvalhos, aí fica a casa dela; logo abaixo ficam as avelaneiras, assim já saberás», disse Capuchinho Vermelho.

O lobo pensou para si mesmo: «Que coisa tenra, dará um pitéu suculento. Vai saber ainda melhor que a velha. Tens que agir ardilosamente se queres apanhá-las ambas». Então andou um pouco ao lado de Capuchinho Vermelho e depois falou: «Capuchinho Vermelho, vês as lindas flores por aqui à tua volta? Porque não olhas para elas? Acho que ainda nem reparaste como os passarinhos estão a cantar

amorosamente. Andas tão séria, como se fosses para a escola, enquanto que tudo no bosque está tão alegre».

Capuchinho Vermelho levantou os olhos e quando viu como os raios de sol dançavam entre as árvores, para a frente e para trás, e como havia lindas flores por todo o lado, pensou: «Se eu levar à avó um ramo fresco, hei-de dar-lhe alegria. Ainda é tão cedo que chegarei bem a tempo». Então ela saiu do carreiro e entrou no bosque à procura de flores. E cada vez que tinha apanhado uma, pensava que mais longe haveria outra ainda mais bonita e corria a apanhá-la, de tal forma que entrou cada vez mais fundo no bosque. Mas o lobo foi directo para casa da avó e bateu à porta.

«Quem está aí?»

«É Capuchinho Vermelho, trazendo bolo e vinho, abre!»

«Levanta o trinco», gritou a avó, «eu estou demasiado fraca para me poder levantar».

O lobo levantou o trinco, a porta abriu e ele, sem uma palavra, dirigiu-se à cama da avó e comeu-a. Depois vestiu as roupas e a touca dela, deitou-se na cama e fechou as cortinas.

Entretanto, Capuchinho Vermelho tinha corrido de flor em flor e só quando já tinha tantas que não podia carregar mais é que se lembrou da avó e retomou o caminho para casa dela. Estranhou que a porta estivesse aberta e, quando entrou no quarto, teve uma sensação tão estranha que disse para si própria: «Meu Deus, hoje sinto-me tão angustiada e normalmente gosto tanto de estar com a avó». Largou um «Bom dia!», mas não obteve resposta. Então dirigiu-se à cama e puxou as cortinas para trás: ali estava a avó com a touca puxada sobre a cara e com uma aparência estranha.

«Ó! Avó, que grandes orelhas tens!»

«Para poder ouvir-te melhor».

«Ó! Avó, que grandes olhos tens!»

«Para poder ver-te melhor».

«Ó! Avó, que grandes mãos tens!»

«Para poder abraçar-te melhor».

«Mas, avó, que boca horrivelmente grande tens!»

«Para poder comer-te melhor».

Mal tinha o lobo dito isto, pulou da cama e engoliu a pobre Capuchinho Vermelho. E, tendo apaziguado a sua concupiscência, tornou a deitar-se na cama, adormeceu e começou a ressonar muito alto.

O caçador estava mesmo a passar em frente da casa e pensou: «Como a velhota ressona! É melhor veres se há algo errado». Então entrou no quarto e, quando chegou à cama, viu o lobo lá estendido. «Aqui te encontro, velho pecador», disse ele, «há muito que te procuro!» Apontou a espingarda, mas então pensou que o lobo podia ter comido a avó e que ela ainda podia ser salva. Portanto, em vez de disparar, pegou numa tesoura e começou a cortar a barriga do lobo. Depois de ter feito um par de cortes viu Capuchinho Vermelho luzir; e após outros tantos cortes a moça saltou para fora, gritando: «Ah, como tive medo! Estava tão escuro dentro do lobo!» Depois a avó saiu, também viva mas quase incapaz de respirar.

Entretanto, Capuchinho Vermelho depressa procurou grandes pedras com as quais encheram o lobo. Quando ele acordou quis fugir, mas as pedras eram tão pesadas que caiu subitamente e morreu.

Então os três ficaram muito contentes. O caçador tirou a pele ao lobo e levou-a para casa. A avó comeu o bolo e bebeu o vinho que Capuchinho Vermelho tinha trazido e recuperou forças. Mas Capuchinho Vermelho pensou: «Nunca mais na vida tornarás a sair do caminho sozinha para entrar no bosque depois de a tua mãe o ter proibido».

Também se conta que uma vez, quando Capuchinho Vermelho levava outra vez bolos[1] à avó, um outro lobo falou com ela e quis tentá-la a sair do carreiro. Mas desta vez Capuchinho Vermelho estava atenta, seguiu a direito o seu caminho e disse à avó que tinha encontrado o lobo e que este lhe tinha dito «bom dia», mas com uma expressão má nos olhos: «se eu não estivesse no caminho público, ele ter-me-ia comido». «Vem», disse a avó, «vamos fechar a porta para que ele não possa entrar».

Pouco depois o lobo bateu à porta e gritou: «Abre, avó, eu sou Capuchinho Vermelho e trago-te bolos». Mas elas não falaram nem abriram a porta, por isso o Cabeça Cinzenta deu umas voltas à casa e finalmente pulou para o telhado, querendo esperar que Capuchinho Vermelho se fosse embora à noite para então ir atrás dela e a devorar na escuridão.

---

[1] *Gebackenes,* isto é, «coisas cozidas no forno».

Mas a avó percebeu o que ele tinha em mente. Havia em frente da casa um grande bebedouro de pedra e a avó disse à criança: «Pega no balde, Capuchinho Vermelho. Ontem fiz salsichas, por isso leva a água da cozedura para o bebedouro». Capuchinho Vermelho acartou água até que o grande, grande bebedouro estava completamente cheio.

Então o cheiro das salsichas alcançou as narinas do lobo. Este cheirou e olhou para baixo. Finalmente, esticou tanto o pescoço que perdeu o equilíbrio e começou a escorregar. Escorregou então do telhado e caiu dentro do grande bebedouro, onde se afogou. Capuchinho Vermelho foi para casa feliz da vida e mais ninguém lhe fez mal.[2]

[2] Grimm, *Kinder- und Hausmärchen: Jubiläumsausgabe mit den Originalanmerkungen der Brüder Grimm.* Editor, Heinz Rölleke. 3 vols. 1982. Reimpressão, Stuttgart: Reclam, 1989. Conto nº 26.

A Menina do Chapelinho Vermelho

Texto

Era uma vez uma mulher que estava numa serra e teve duas filhas. A primeira chamava-se Maria.

Um dia a avó das meninas foi à serra e encontrou a menina mais velha. A menina foi dirigida à avó e beijou-lhe a mão. E a avó disse: «Deixa estar, minha menina, que te hei-de dar um chapelinho vermelho; vai a minha casa buscá-lo».

A menina foi para casa da mãe, chorando que lhe fizesse um bolinho para levar à sua avozinha. E a outra irmã ficou em casa cheia de raiva.

A mãe perguntou-lhe: «Então como conheces tu a tua avozinha?»

A menina respondeu: «Sei, porque estive agora com ela, e ela disse que me há-de dar um chapelinho vermelho».

A mãe fez-lhe o bolo e mandou-a levá-lo à avó.

A menina foi andando muito contente e, chegando a um caminho, encontrou um lobo-homem (tem parte de homem e parte de lobo, mas não é o mesmo que lobisomem).

Andava a menina comendo amoras de um valado e perguntou-lhe o lobo-homem: «Que fazeis aí, menina?»

Ela respondeu: «Estou comendo amorinhas».

O lobo-homem tornou a perguntar-lhe: «Tu que levas aí?»

Ela disse: «Levo aqui um bolinho para a minha avozinha».

O lobo assim que ouviu falar nisto disse-lhe: «Pois vais tu por aqui, que eu vou por ali, a ver quem chega lá primeiro».

Chegou ele primeiro e bateu à porta. A velha veio e abriu a porta e disse: «Entra, minha netinha, que hás-de estar gelada». Nisto a avó adormeceu.

Daí a pouco chegou a menina e bateu à porta. O lobo-homem falou em lugar da avó que estava a dormir: «Entra, menina, que a porta está aberta».

A menina entrou e foi deitar-se com o lobo, julgando que era com a avó. Depois, quando está deitada, começou a correr-lhe a mão pelo corpo e a dizer-lhe: «Ó minha avozinha, para que tem você tanto cabelo pelo corpo?»

O lobo respondeu: «É para não ter frio de dia, minha netinha».

A menina tornou a perguntar: «E para que tem você pernas tão compridas?»

O lobo disse: «É para correr muito, para andar muita terra em pouco tempo».

Quando estavam com esta conversa, a avó (que era uma fada) acordou e tratou de se preparar para encantar o lobo.

A menina tornou a perguntar: «Ó minha avozinha, para que tem você uns braços tão compridos?»

O lobo respondeu: «É para te abraçar bem, minha menina».

A menina tornou a perguntar: «E para que tem você uma boca tão escachada?»

«É para te comer bem», respondeu o lobo, «e mais à tua avó». E ia para comer a menina.

Nisto a avó levantou-se muito depressa e deu-lhe uma troçada (pancada) com a varinha de condão. E ficou o lobo encantado.

Depois a avó encheu-o todo de foguetes e girassóis amarrados ao lobo, deitaram-lhe o fogo e, assim que sentiu o pêlo a arder, deitou a fugir, que era o que a velha queria e mais a menina. E depois o lobo foi-se deitar ao poço do moinho, onde morreu afogado.

Depois a avó começou a repreender a menina por ela dar aceitação ao lobo no caminho. A menina disse-lhe que ele a queria comer, mas ela disse-lhe que vinha de volta. A avó disse-lhe que não tornasse a fazer aquilo.

Depois disse-lhe: «Agora, toma lá o chapelinho vermelho que te prometi. E tu fala sempre muito bem a toda a gente, faz a vontadinha a todos e, se alguém te pedir água, dá-lha com boa vontade, que tu hás-de ser feliz».

Nisto foi a menina para a serra para casa da mãe. Não levava nada senão o chapelinho vermelho.

A outra irmã estava toda raivosa por não ter um chapelinho também.

A mãe depois mandou um dia a mais velha buscar água, mas ela não quis. A mais nova ofereceu-se logo e disse: «Ó minha mãezinha, dê cá que eu vou». E assim foi.

Estava na fonte enchendo o cântaro, passou uma velhinha, que era a mesma que lhe tinha dado o chapelinho vermelho, mas que ela não conheceu porque ia de outra maneira. A menina pediu água à menina do chapelinho vermelho e esta deu-lha com muito bom modo.

Depois a velha disse-lhe: «Olha, tu és a menina do chapelinho vermelho?»

A menina respondeu: «Sou sim, minha senhora».

A velha disse-lhe: «Pois olha, faz tudo sempre bem e trata bem todos, que eu hei-de dar-te uma prenda de botares flores pela boca quando falares para alguém». Depois a velha foi-se embora.

Foi a menina para casa com a água. A mãe ralhou com ela por ela tardar. E ela disse: «Minha mãe, eu venho agora porque estive a dar água e a conversar com uma velhinha e ela disse-me que me havia de dar uma prenda». E começou a deitar flores pela boca.

Nisto perguntou-lhe a mãe o que fizera ela à velhinha para ela lhe dar aquela prenda.

A menina disse: «Ela pediu-me água e eu disse-lhe que a fosse beber à fonte».

E ela disse-me: «Mal fadada sejas tu, que o prémio que recebas seja deitares flores pela boca».

A irmã mais velha, que estava com muita inveja, quis ir à água também. E foi.

Apareceu-lhe a mesma velhinha e disse-lhe: «Ó! Menina, dás-me uma pinguinha de água?»

Ela respondeu-lhe: «Ora! Eu dou-lhe agora água! Vá bebê-la à fonte!»

A velha disse-lhe: «Fadada sejas tu, que laves as mãos e nunca elas se lavem; e, quando falares, deitares chanquinos[1] pela boca».

Foi ela para o pé da mãe e ela perguntou-lhe o que ela tinha feito que se tinha demorado tanto. Ela disse: «Ora, passou lá uma velha, pediu-me água e eu ralhei com ela e disse-lhe que fosse bebê-la à fonte». E nisto começou a deitar chanquinos pela boca.

A mãe ganhou raiva à mais nova e começou a bater-lhe por ela ter ensinado a irmã errado.

A menina do chapelinho vermelho fugiu para o monte. Andou por ali muito tempo morta com fome, toda rota e esfarrapada. Foi depois ser moça de servir.

Um dia apareceu ali um príncipe que ia à caça e perguntou-lhe, vendo-a tão linda, o que fazia por ali. A menina contou-lhe tudo. E nisto começou a deitar flores pela boca. O príncipe, quando viu isto, disse-lhe que ficasse ali, que a mandava buscar para casar com ela.

---

[1] Sapos pequenos.

Depois o príncipe preparou uma carruagem e veio buscá-la à serra. E assim fez. Depois recebeu-a como sua esposa. E a outra irmã ficou sempre deitando os chanquinos pela boca.[2]

[2] Vertido, com pontuação e divisão em parágrafos alteradas, a partir de Zófimo Consiglieri Pedroso. 1984. *Contos Populares Portugueses.* 2ª edição. Lisboa: Vega.